

# Dama da Corte, sim! Baiana, não!

**D**esde a década de 70, quando realizei meu primeiro mural em cerâmica para uma edificação na Rua Bispo Cardoso Ayres, representando um caboclo de lança, o Maracatu Rural passou a exercer um fascínio, quase mágico, na minha dedicação e amor por Pernambuco e a sua rica cultura – original e diversificada. Esse fascínio culminou com a minha peça *Nação Paranambuco* – Auto Pernambucano em 7 atos – Prêmio Elpidio Câmara de Teatro do Conselho Municipal de Cultura/PCR de 1995.

Dança, bailado, ritual, folguedo, batuque, música. Não será o Maracatu isto tudo e algo mais? Saudades das origens no além-mar, nostalgia, devoção, religião, teatro, alegria, sensualidade, resistência e revolta contra a diáspora forçada de povos e raças e o trabalho cativo – perverso e desumano no Brasil e, particularmente, em Pernambuco, onde o Maracatu surgiu.

É o Maracatu de Nação originário do antigo ritual religioso/político da coroação dos Reis Congos. Amparados, geralmente, pelas irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, os negros realizavam as suas "Coroações" com toda a pompa possível. Por ser fator de ordem social, entre os africanos e seus descendentes oriundos de diversas e distintas tribos ou "nações" africanas, muitas delas inimigas entre si como: Congo, Nagô, Cambinda, Moçambique, Benguela, etc., esses rituais eram autorizados pela Igreja Católica e pelo poder civil. O cortejo "real" do Maracatu de Nação, mescla traços culturais afros com traços culturais "brancos" das cortes européias com seus reis, rainhas, príncipes e princesas materializados nas calungas.

Já o Maracatu Rural, que considero ainda em formação, nasceu na zona rural dos engenhos da mata norte do Estado de Pernambuco. De origem mais recente e obscura e menos estudada, mesclou tradições culturais européias – "brancas", com a herança afro do Maracatu "Urbano" e com traços culturais indígenas nítidos, como bem demonstram os caboclos-de-lança, caboclos-de-pena ou taxuas, caboclinhos e caboclinhas e

*Dança, bailado, ritual, folguedo, batuque, música. Não será o Maracatu isto tudo e algo mais? Por Marcos Cordeiro*

até figuras de cavalo marinho e do bumba-meu-boi, sem falar das embotadas e desafios de toadas dos cantadores e da presença da orquestra de metais – pistões e trombones e até pifaros, ausentes do Maracatu "Urbano". O ritmo, a batida e as loas são totalmente diversos dos do Maracatu "Urbano". O uso do cravo na boca, (calço) de um caboclo-de-lança ou de penas, (geralmente com seus óculos escuros) indica que estão atuados pela "presença do índio".

Este e outros ritos são opcionais e não fazem parte da prática de "todas" as agremiações. Tem-se observado também, segundo Katarina Real, que a instituição do Rei e da Rainha é recente e foram adotados pelos Maracatus Rurais, atendendo a recomendações da Federação Carnavalesca Pernambucana. Muitos componentes são meramente brincantes. Não obstante a tentativa de padronização com a criação da Associação dos Maracatus Rurais em Aliança, que a meu ver é um perigo, pois inibe e desestimula a diversidade e a criatividade de cada uma das agremiações e talvez leve a engajamentos políticos desnecessários para o Maracatu.

Quando da elaboração da minha Peça/Musical *Nação Paranambuco*, que é um Maracatu Rural, adaptado do poema épico *Romança Paranambuco*, também de minha autoria, no momento da criação dos personagens principais, como o mestre de toadas e os dez lanceiros/caboclos-de-lança ou, ainda, caboclos de vara, senti uma certa dificuldade em nomear os personagens femininos, ou sejam, as mulheres da "corte" do Maracatu, como *Damas ou Baianas*... Essa dificuldade tinha a sua razão de ser, uma vez que muita gente, desde poetas, escritores, estudiosos, pes-



A denominação de "baiana", embora errônea, continua a ser usada por pesquisadores de re...

quisadores e jornalistas, do passado e do presente, denominavam e continuam denominado, indistintamente, essas damas e personagens femininas de "baianas" e na maioria das vezes entre aspas nos seus ensaios, estudos, artigos, matérias e reportagens. O que aguçava a minha dúvida e curiosidade era o motivo que levava tantas pessoas de letras e até estudiosos a cometer tal assertiva e a presença das aspas indicava para mim, de saída, um sentido *figurado* impróprio e herético. Talvez sim, talvez não... Talvez pela presença de turbantes, panos de costa, colares, pulseiras, batas e saias rendadas e amplas, de toda filha de santo de terreiro de xangô ou umbanda do Recife. Essas pessoas atraídas por esse visual comum aos terreiros, centros ou roças de umbanda e xangô em Pernambuco e dos candomblés da Bahia, se sentiram à vontade em denominar tais personagens femininas do Maracatu de Nação ou baque virado e do Maracatu

Rural, com o substantivo que nomeia as naturais do Estado da Bahia. Quem observar a indumentária das figuras femininas do Maracatu de Nação e do Maracatu Rural, logo de primeira vista, percebe a inadequação de semelhante termo para as dançarinas do cortejo real do grupo. Seus sapatos são de palha ou feltro, enfeitados com fitas e flores, suas tiaras, enfeitadas com fitas e flores, suas saias, curtas ou longas de cetim, algodão e aplicações de fitas e bordados e aplicações de miçangas, suas pulseiras de miçangas ou lantejoulas, seus brincos esportivos (no caso do Maracatu Rural) nada têm da indumentária das dançarinas de santo, das roupas típicas das baianas de Salvador ou da ala das baianas das escolas de samba do Rio de Janeiro e das imitações paulistas e de outros estados brasileiros. Como as outras mulheres da Corte do Maracatu que não sejam as Damas do Maracatu ou a Dama do buquê ou Dama de honra em *baiana* é heresia inaceitável para os pernambucanos e para Pernambuco.